

THEATRO DE S. CARLOS





## A SEMANA

A Berlim!

— A Berlim! rugia alegremente o exercito francez de 1870, n'uma grande explosão entusiastica, levantada das cinzas ainda quentes d'esse enorme vulcão de gloria com que ha meio seculo deslumbrára o mundo o genio incomensuravel do tacanho Bonaparte!

Tratava-se de uma passeiata alegre, de uma viagem de recreio a preços reduzidos; mudança de ares, aguas novas e paisagens pittorescas. E depois, quando o exercito tivesse chegado ao extremo da linha, e começasse a experimentar a fadiga da villegiatura e a nostalgia da sua patria e dos seus lençoes, tomaria, sem incommodos, o primeiro comboio descendente que lhe passasse junto da porta de casa, visto que tinha comprado bilhete de ida e volta, e eil-o de regresso a Paris, depois de se ter passeiado triumphante pelas ruas de Berlim, amalgamado o imperador, o Bismark e o Moltke n'uma ceira do Algarve, como outros tantos figos passados, e colhido, enfim, por epilogo, alguns opulentos ramos d'aquelles preciosos loiros com que se tempera o escabeche das glorias, e que tem sido ao mesmo tempo a gloria dos escabeches!

E afinal, ao exercito francez succedeu exactamente como áquelle heroe do conto alegre, que de antemão saboreava os deleites do seu passeio ás hortas, e a quem uns falsos amigos comprometteram, transviando-o, embebedando-o e envolvendo-o em rixas, até que a policia o prendeu e o tribunal lhe fez pagar as custas do processo...

A Berlim!

— A Berlim! gritou ha dias a nossa diplomacia mais grada e mais conspicua, representada nas pessoas dos srs. Marquez de Penafiel, Serpa Pimentel e D. Fradique o Longo Queixo.

E eil-os, entrouxando nas malas o que ha de mais correcto em casacas do Keil e de mais sublimado em narcotico de documentos e relatorios, produzido n'essa velha companhia do opio continental, que se chama o archivo do ministerio da marinha; eil-os, serenos e confiados, no seio da conferencia, onde chegaram, estão a vêr, e hão de vencer fatalmente, porque a mesma coisa succedeu ao grande Cesar, e elles, os tres da vida airada, valem bem um Cesar grande, partido em posta, cabeça e rabo!

E a coisa, ao que parece, não está tão feia como a pintavam para ahi uns diabos pessimistas de má morte...

Segundo affirma o correspondente de Berlim para o *Diario de Noticias*, a nossa causa tem ali encontrado as mais lisongeiras e promettedoras sympathias; ora, tendo as sympathias de Berlim, o que quer dizer as da Allemanha, terá evidentemente as da França e muito provavelmente as da Russia tambem; pelo que respeita á Inglaterra, á Hespanha e á Italia, é cousa concertada e assente que irão todas á nossa bola...

E ahi temos nós nada menos de meia dúzia de potencias de primeira ordem, fechadas nas unhas do sr. Serpa e ás disposições do queixo de D. Fradique!

Que bella figura  
E coisas e tal,  
Fará Portugal  
Na tal conferencia,  
Mostrando, a despeito  
De velho e gotoso,  
Dispor a seu goso  
De tanta potencia!

Dado este bello aspecto de coisas, cujo desenlace será necessariamente a conferencia de Berlim entregar-nos sem discussão o Congo intacto e ainda mais alguns posinhos de gorgeta, não comprehendemos muito bem a ordem dada pelo governo portuguez e a que se refere o *Daily-News*, para que os nossos representantes se retirem da conferencia, protestando, no caso de que os nossos direitos não sejam ali reconhecidos!

Com os demonios! mas se todo o mundo está d'accordo em ceder á diplomacia do sr. Serpa e em prestar homenagem ao queixo de D. Fradique, ainda antes de se deliciar na audição d'aquella e de se extaziar na contemplação d'este, por que carga d'agua vae o governo dizer aos seus delegados que se preparem para sair da conferencia?!

Deveras que não atinamos!...

Porque a verdade é esta: se o governo teve espirito santo de orelha que lhe segredou a probabilidade d'um fiasco, a que era necessario dar uma saida fazendo sair os conferentes, fôra decerto mais racional, senão indispensavel, aggregar o sr. Camara, como adjunto pratico, aos nossos diplomatas; porque, ainda que esses diplomatas dessem na conferencia as mais inconcussas provas da sua ignorancia capital, mostraríamos ao menos á Europa que ainda cá temos um homem que sabe...sahir...

Mas ninguem sairá, louvado seja Deus! A victoria é tão certa como é certo o sr. Fontes ter um logarsinho marcado no ceu...

E será a vaidade do principe de Bismark, esse sentimento condemnavel mas inato em toda a creatura como vulgar em todos os tempos, quem hade trazer-nos a victoria pela mão...

A vaidade foi sempre uma poderosa alavanca para a remoção de todos os escrúpulos.

Foi ella que entregou nos braços do dr. Fausto, remoçado pela Agua Circassiana do perfido Mephistofeles, o corpo até então immaculado da casta Margarida, que preferiu adornar-se garridamente das joias preciosas que lhe offertava o seductor, a enfeitar-se com a singelesa das flores de Siebel, pobres mimos de amor, que os empregados da camara levantaram no dia seguinte da porta da ingrata para os despejos da carroça do lixo...

Pois será ainda ella, a vaidade, quem hade restituir-nos o Congo inteirinho e entregado!

Como dissemos, o principe de Bismark tem a sua pontinha de vaidade e o caso é que lhe não faltam rasões para isso.

Porque, é caso averiguado, depois do sr. Fontes, o grande chancellor é incontestavelmente o primeiro vulto da politica europeá.

Pode até chamar-se-lhe — depois do sr. Fontes, repetimos — o mudo de Alcantara da politica europeá.

Não duvidaríamos em summa cognominal-o — depois do sr. Fontes é sabido — o Sansão da politica europeá.

Ora este Sansão representa na conferencia de Berlim ninguem o ignora decerto, um papel quicá importante...

Ha até quem diga que elle será o Neptuno que hade dirigrir aquelle oceano revoltoso de ambições desencontradas, servindo-lhe de tridente os trez famosos pellos que a natureza generosa lhe deixa florir no cucuruto da cabeça...



E este Sansão da politica européa, vaidoso, apesar da sua força, como a mais fraca das mulheres, tinha um pesar profundo, uma doença secreta, contra a qual era impotente toda a sua força de vontade, como seria impotente toda a tisana do Assis!

Era um Sansão, não havia duvida: todos o aclamavam como tal, mas elle sentia bem no intimo que lhe faltava o que quer que fosse de necessario, de indispensavel, de fatal, para se mostrar, um Sansão *comme il faut*.

Era um insignificante appendice, um pequenino barbi-cacho, um reles symbolo, mas sem o qual Sansão nunca estaria completo...

Mandando-lhe o symbolo, Portugal conquistou direitos aos affectos de Sansão, o qual não deixará de exclamar radioso:

— Eis-me Sansão a valer!  
Obrigadinho, ó meu Deus!  
Provoquem-me os philisteus,  
Que heide tirar um despique...  
A Portugal generoso  
Serei grato externamente,  
Pois que me deu de presente  
O queixo de D. Fradique!

PAN.

\*\*\*

Chamamos a attenção do sr. commissario de policia para a maneira pouco decorosa com que o sr. commandante das guardas municipaes costuma applaudir os artistas de S. Carlos.

El-rei o sr. D. Luiz festeja os cantores batendo com a palma da mão direita nas costas da mão esquerda, o que é naturalissimo, porque os reis não teem costas nem frente e assim sua magestade não podia dar palmas só de frente ou só de costas.

Alguns espectadores applaudem apenas com dois dedos, naturalmente por lhes parecer que a coisa não é para mais de dois dedos de conversa...

Mas o sr. commandante das guardas bate palmas com a mão direita espalmada sobre a esquerda fechada em oculo, assim como quem se diverte a dar estalinhos rebentando folhas de rosa, e isto não nos parece proprio nem do theatro de S. Carlos nem da posição de s. ex.<sup>a</sup> tornada ainda mais solemne pelo casaco de bandas de estracena com que costuma assistir ao espectáculo!

\*\*\*

O rei de Hespanha commutou em prisão perpetua a pena de morte que o tribunal de Madrid applicara ao assassino de D. Emygdio Santamaria, que fora deputado republicano.

Esta real clemencia para com o assassino d'um republicano joga perfeitamente d'accordo com a inflexibilidade do monarcha quando a imprensa hespanhola pedia em peso que se não fuzillassem os desditos officiaes de Santa Coloma de Farnés...

\*\*\*

Diz-nos um telegramma da ultima hora que os delegados portuguezes na conferencia de Berlim, descontentes pela marcha dos negocios e obedecendo ás instrucções que receberam do governo, saíram protestando, do congresso, levantando esta resolução enorme arruido no seio da conferencia!

Em nota explicativa do mesmo telegramma elucida-se que o citado arruido foi intencionalmente levantado pelos *protectores do calçado* que os nossos delegados levavam na sola das botas.

## CARTA DE BERLIM

### De Luciano para Pequito

Nariz, velho amigo,  
Vem, vem, ter commigo,  
Senão, p'ra o jazigo,  
Tombar já me deixo!  
Acaso em Lisboa,  
De venta ao nordeste,  
Tu já te esqueceste  
Que tens este queixo?...

Saudade me prostra!  
E sabe, p'ra amostra,  
Que eu sou como a ostra  
Pegada n'um seixo!  
Assim tua penca,  
Amigo e collega,  
Jámais se despega  
Do meu longo queixo!

Pois olvidarias  
Aquellas folias  
Dos nossos bons dias  
No jogo do eixo?  
E quando saltavas,  
— Já não te recordas? —  
Com arcos e cordas  
A par d'este queixo?

De ti fugitivo  
Nem sei como vivo!  
Será com motivo  
Que eu choro e me queixo?  
Por mar ou por terra,  
De bote ou caleça,  
Ó vem! vem depressa  
P'ra o pé do teu queixo!

Se tu te demoras,  
Um dia, tres horas,  
Com trancas e escoras  
No quarto me fecho,  
E assim encerrado  
No meu domicilio,  
Ninguém em concilio  
Terá este queixo!

E em face da ausencia  
Da minha excrescencia,  
A tal conferencia  
Tem triste desfecho,  
Pois 'stá dependente  
A sorte do Congo  
Do meu queixo longo,  
Do meu longo queixo!

Porém, se te pilho,  
Ó meu qu'rido filho,  
Com corda ou atilho  
Commigo te enfeixo...  
Ó vem! — quando não  
De dôr secco e mirro —  
Soltar um espirro  
Ao pé do teu queixo!

PAN.



## A CONFERENCIA DE BERLIM



PORTUGAL

Vae de caixão á cova e com todas as formalidades do estylo

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO  
LONDRES-NOVEMBRO 1884



## CHRONICA DO AMOR



O DORMINHOCO

Mal sahido da puericia,  
Inda a pedir dois açoites,  
Sargedas — que impudicicia! —  
Faz rapa-pé a Mauricia,  
Passa lá todas as noites!



Hoje, a fallar dos escolhos  
Em que o casorio anda envolto,  
Sargedas, cerrando os olhos,  
Desabou sem mais refoelhos  
A dormir a somno solto!

Ao vel-o com tal ripanso  
Dormindo o somno d'um anjo,  
Mauricia ergueu-se de manso,  
Dizendo um breve engrimanço:  
— Deixa estar, que eu já te arranjo!...



Morta de raiva e ciume,  
Que o despeito mais lhe ança.  
Vae, no maior azedume,  
Lá dentro tishnar ao lume  
Uma rolha de cortiça...



Da peça que ao namorado  
Mauricia co'a rolha prega  
Fica o leitor inteirado  
Vendo o que está desenhado  
P'lo lapis do meu collega...





Como elle não ficaria  
Se visse o rosto no espelho!  
— Diz adeus á companhia  
Enquanto tudo se ria  
Do mascarado fedelho.



— Que Satan me tisne e mele  
Se percebo esta algazarra!...  
E foge, salvando a pelle  
Mas tudo sempre atraz d'elle  
Prosegue gritando—Agarra!

Ao fim de varias sevicias  
De botas, nas carnes molles,  
E outras diversas caricias,  
Apparecem dois policias...  
— Que o levam p'ra Rilhafoles!

PAN.



Eit-o nas ruas da Baixa;  
E o rapazio, entretanto,  
Vendo-o pintado de graxa,  
Era pieda e laracha  
De fazer damnar um santo!



Mustardes e o resto do futeiro



## NAS ALTAS REGIÕES DO ESTADO

## A questão do Congo



A rainha do Congo, D. Amalia I, que é incontestavelmente a pessoa mais interessada na questão que se está discutindo na conferencia de Berlim, acaba de investir dos poderes de accessor pratico em aquella conferencia ao popular Zé Augusto que vae encarregado de pregar sobre a morte do Congo o mesmo sermão de lagrimas que costuma pregar por occasião do enterro do bacalhau.